

MEMÓRIA, HISTÓRIA, VINGANÇA

produção de memória em conteúdo multiplataforma sobre a guerrilha do Araguaia

Alexandre Xavier Fontoura LIMA (UFSCar)

1

Resumo: Este artigo propõe examinar e descrever o processo do filme Memória, História, Vingança (apresentado no REDCOM II 2025) e da produção do primeiro episódio dos ‘vodcasts’ ‘Cartas para Helenira’ (em desenvolvimento). Ambos os produtos fazem parte da minha pesquisa no Programa de mestrado profissional Produção de Conteúdo Multiplataforma (UFSCar). Tanto filme citado, quanto a primeira carta para Helenira, são derivados de uma diária de filmagem, quando filmei a cerimônia de entrega de certidões de óbito retificadas dos mortos e desaparecidos durante a ditadura militar, entre os quais, guerrilheiras e guerrilheiros do Araguaia, meu objeto de pesquisa.

Palavras-chave: guerrilha, araguaia, guerrilheira, multiplataforma, transmídia, helenira, vodcast, memória, história.

Abstract/Resumen: This article proposes to examine and describe the process of the film Memory, History, Revenge (presented at REDCOM II 2025) and the production of the first episode of the ‘Letters to Helenira’ Vodcasts (in development). Both products are part of my research in the Professional Master's Program in Multiplatform Content Production (UFSCar). Both the mentioned film and the first letter to Helenira are derived from when I filmed the ceremony of delivering rectified death certificates to those killed and disappeared during the military dictatorship, among whom were guerrillas from Araguaia, my research subject.

Keywords/Palabras clave: guerrilla, Araguaia, female guerrilla, multiplatform, transmedia, Helenira, vodcast, memory, history.

¹ Alexandre Xavier Fontoura Lima é mestrando no Mestrado Profissional em Produção de Conteúdo Multiplataforma (PPGPCM) da UFSCar, documentarista, fotógrafo e montador.

1. MEMÓRIA, HISTÓRIA, VINGANÇA.

Filme sobre a Solenidade de Entrega de Certidões de Óbito Retificadas de pessoas mortas e desaparecidas durante a ditadura militar no Brasil (1964-1985).

Por sorte ou acaso, ao transitar pelos posts do Facebook em um domingo, encontrei a postagem do jornalista e escritor Camilo Vannuchi sobre a cerimônia de entrega de certidões de óbito corrigidas de pessoas mortas e desaparecidas durante a ditadura militar no Brasil (1964-1985).

Na lista das pessoas mortas e desaparecidas, anotei um total de dez guerrilheiras e guerrilheiros mortos e desaparecidos na Guerrilha do Araguaia (meu objeto de pesquisa), entre as cento e duas certidões a serem entregues na cerimônia.



Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (FDUSP). Registro: A.L.

Na véspera do evento, fiz uma visita de campo ao local da cerimônia para mapear o território e fazer algum planejamento prévio.



Revisão de equipamento para a filmagem. Registro: A.L.

Câmera, lentes, microfones, tripé, cartões de memória, baterias. Organizei e verifiquei todo o meu equipamento e parti para a cerimônia. Havia dezenas de câmeras, fotógrafos e jornalistas cobrindo o evento.

Personalidades relevantes da política brasileira estavam presentes, assim como a Ministra dos Direitos Humanos e da Cidadania do Brasil, Macaé Evaristo, além de mães, pais, filhos, filhas, netos, netas, sobrinhas e sobrinhos, enfim familiares e amigos das vítimas.

Posicionei o meu tripé próximo ao espaço reservado para as câmeras, de modo que o eixo da minha câmera pudesse transitar entre o público sentado e o palco onde seriam entregues as certidões.

Enquanto a cerimônia não se iniciava, eu decupava o espaço com a câmera (escrevia um roteiro vivo com a câmera), filmando abraços, saudações, conversas, encontros e reencontros entusiasmados de velhos e velhas companheiras, além dos detalhes especiais do Salão Nobre da USP. Ou seja, estava estabelecendo imgeticamente o cenário e o contexto onde em breve

se daria a solenidade das entregas das certidões. A decupagem fílmica é entre outras coisas, contextualizar, emoldurar uma história, sair do eixo central da história e olhar para as periferias, se distanciar para depois se aproximar, ir para dentro, se aprofundar no centro, sempre podendo ir e vir entre o centro e as periferias paralelas. Inclusive, muitas das vezes, as narrativas periféricas se tornam centro, assumem protagonismo.



Câmera e microfone posicionados para o registro audiovisual da cerimônia. Registro: A.L.

Em termos produtivos, além de filmar a cerimônia, pude conhecer e fazer contato com familiares das guerrilheiras e guerrilheiros mortos e também com o ex-guerrilheiro José Genoíno, presentes na cerimônia. Trocamos contatos e combinamos de agendar futuras entrevistas. Conheci e conversei brevemente com José Genoíno, Criméia Schmidt Almeida, Marta Costa, entre outras pessoas relevantes para a minha pesquisa.

Sobre as certidões retificadas, as mesmas trazem o local da morte, delegacias, penitenciárias, bases militares, DOPS, Doicodes, centros clandestinos de tortura e registram a causa como morte não natural, violenta, causada pelo Estado brasileiro no contexto da perseguição sistemática à população identificada como dissidente política no regime ditatorial instaurada em 1964.

Essa importante medida repara simbolicamente décadas de silêncio e reconhece que essas pessoas foram vítimas de violência do Estado. Desaparecimento forçado, tortura, execuções, perseguição a sindicatos e movimentos sociais. É um passo pelo direito à verdade e respeito às famílias que tanto esperam por justiça.

O hino nacional dá início a solenidade: o público de pé, um tenor com voz aguda cantando, o ex senador e atual vereador Eduardo Suplicy, o ex ministro José Dirceu, a ex vereadora Maria Marighella, neta de Carlos Marighella, o escritor Marcelo Rubens Paiva, filho do ex-deputado Rubens Paiva e o ex-deputado, ex-presidente do PT (Partido dos Trabalhadores) e ex-guerrilheiro José Genoíno, entre outras personalidades faziam parte da multidão presente. O Salão Nobre da USP parecia com o velho Morumbi em tarde de torcida mista, em jogo entre São Paulo e Corinthians. A multidão de pé, idosos, jovens, crianças, bandeiras, fotografias, palavras, letreros, o tenor e o canto desenhando a paisagem.

Antes da entrega das certidões, ouvimos depoimentos de autoridades, de parentes das vítimas desaparecidas e de jovens estudantes:

“A gente se pergunta como estariam participando de nossa vida em família, como estariam aproveitando a maturidade de seus filhos, que fotos estaríamos tirando da sua convivência com os netos. Quando as pessoas perdem familiares e amigos ao mobilizar a memória de entes queridos, frequentemente assim que afetivamente lembram delas.

No caso das pessoas assassinadas por ditaduras, em especial daqueles cujos corpos nunca foram entregues às famílias e amigos, seguimos há décadas também sempre buscando a verdade sobre a morte, mobilizados pela necessidade de justiça e reparação.

Reparação que cerimônias como essa acumulam.

Memória, verdade, justiça e reparação articulam o trabalho da comissão especial sobre mortos e desaparecidos, da qual minha mãe, Eunice Paiva fez parte e onde represento a sociedade civil, desde que indicada pela presidenta Dilma. (...)”

Professora Dra. Vera Facciolla Paiva

Representante da sociedade civil na comissão especial sobre mortos e desaparecidos e filha do desaparecido político Rubens Beyrodt Paiva.

“Estar aqui nesse espaço para retificar que essas mortes foram causadas pelo Estado brasileiro, que elas trazem consigo a marca da tortura, do terrorismo de estado, mas também de uma causa legítima, inspiradora e que vale a pena ser lutada. Estar aqui hoje é uma vitória não só nossa, mas é também uma vitória desses importantes companheiros e companheiras que passaram a imortalidade.

Ainda não achamos todos os nossos mortos. Onde estão Manuel Aleixo, Amaro Luiz de Carvalho, Amaro Félix Pereira, Maria Lúcia Petit, Isis Dias de Oliveira, Helenira Preta Resende, entre tantos outros? Viva a luta do povo brasileiro! Ditadura nunca mais!”

Gabriel Borges

Estudante, representante do DCE Livre da USP Alexandre Vannucchi Leme.

“Cada nome lido aqui hoje é um grito que atravessou décadas de silêncio. Essas certidões devolvem a verdade onde o Estado antes escreveu a mentira. E com elas, o Brasil reafirma: ‘A história não pode ser escrita pelos nossos algozes.’

Eu cito Milton Nascimento na ocasião da morte do estudante Edson Luiz: ‘Quem cala sobre o teu corpo, consente na tua morte’.

Nós não nos calaremos. Retificar os registros de óbito é arrancar do silêncio a verdade que tentaram esconder durante mais de cinco décadas. Sessenta anos depois, ainda enfrentamos tentativas de apagar a história e subverter a verdade.

Honrar a memória das vítimas é defender todos os dias a democracia com a qual sonharam. Que o Brasil aprenda de uma vez por todas que a liberdade não se apaga, a memória não se cala e a justiça não prescreve.

Sem anistia pros golpistas de ontem e de hoje!”

Bianca Borges

Presidente da UNE (União Nacional dos Estudantes).

“Nesta semana a gente celebra 37 anos da Constituição da República, promulgada em 5 de outubro de 1988.

O que fazemos aqui hoje é a garantia de um direito que vem tardio, mas que só veio com luta dos sobreviventes e familiares de vítimas da ditadura no país. É lembrar que dias como os que se iniciaram entre 31 de março e 1º de abril de 1964 nunca mais podem se repetir. E eu queria dizer que esse governo, o governo do presidente Lula, tem lado. É o lado da soberania, é o lado da democracia, é o lado dos direitos humanos, de respeito pleno, de respeito pleno aos direitos civis e políticos e à memória dos que lutaram, entendendo que esta era uma necessidade inadiável. Hoje aqui estamos reforçando que temos memória e honramos aqueles que vieram antes de nós.

Em resposta ao nosso trágico passado, construímos com vocês este momento de reescrita da nossa história a partir da memória dos que geraram e nos legaram uma possibilidade de futuro. Porque não consentimos na morte de quem se ergueu contra a opressão histórica do Estado brasileiro. Em 2023, quando assumimos o governo novamente, reforçamos esse compromisso diante de vocês nessa segunda solenidade de entrega de 102 certidões de óbito retificadas de pessoas nascidas, falecidas ou desaparecidas em São Paulo. É um momento em que temos a chance de pagar as contas do passado, ressignificando o nosso futuro.

A entrega dessas certidões é reparação com o passado, mas também nossa possibilidade de futuro. As estruturas autoritárias muitas vezes teimam em persistir, como a violência policial que segue ceifando a vida de aproximadamente 6.000 pessoas por ano neste país, em sua maioria, jovens, negros e de periferia. Entre 2015 e 2025, segundo o Ministério da Justiça e Segurança Pública, 56.864 pessoas foram mortas pela polícia, também responsável por uma parte considerável das mortes e torturas da ditadura junto com as Forças Armadas.

Que as contas do passado sejam pagas com cura, com direitos humanos, com democracia, justiça e participação popular. Para que não se esqueça, para que nunca mais aconteça.”

Macaé Evaristo

Ministra dos Direitos Humanos e da Cidadania do Brasil.

De todas as certidões entregues, selecionei algumas poucas para incluir no vídeo apresentado no Seminário REDCOM II, 2025.

Maria Marighella recebeu a certidão de Carlos Marighella, seu avô. Vestia vermelho e esbanjava alegria e orgulho: “Marighella presente!”. Foi efusivamente aplaudida.

“Devanir José de Carvalho, metalúrgico e militante do movimento revolucionário Tiradentes, MRT. Atuou na resistência contra a ditadura militar brasileira. Foi morto pela repressão em São Paulo. Devanir presente.”

“Primeiro agradecer o trabalho de todos vocês,
Mas eu quero deixar um recado. A gente quer mais.

Eu quero vingança!

Eu quero revanche pelos meus tios que até hoje estão desaparecidos.

Meu irmão me lembrou agora que um meu pai é um dos poucos que foi vingado,

Porque o Boilesen (Henning Albert Boilesen) levou o que merecia.

Um canalha que assistia e financiava a tortura na operação Bandeirantes, onde minha mãe esteve também.

Henning Albert Boilesen, empresário e torturador dinamarquês frequentador das rodas da elite paulistana, foi executado aos 55 anos em São Paulo.

A nossa vingança é a manutenção do estado de direito e da justiça.

Eu quero ver sobretudo o mais novo expoente do fascismo,
apodrecer a cadeia.

E queria deixar um agradecimento a todos os companheiros e companheiras que se empenharam nos últimos 30, 40, 50 anos em restabelecer um mínimo de memória, reparação e justiça.

Devanir, presente. Daniel José de Carvalho, presente.

Joel José de Carvalho, presente.”

Em torno da metade da jornada, a mestre de cerimônias pediu brevidade nas falas das pessoas: “Nós ainda teremos mais de 50 certidões a serem entregues. Então eu vou pedir aos familiares que ao falar, sejam breves.”

Alguém das cadeiras gritou: “ficamos 60 anos calados e vocês nos pedem para sermos breves?”

A multidão aplaudiu.

Conforme as certidões iam sendo entregues podia-se perceber algum alívio e orgulho entre os familiares por terem recebido um documento oficial corrigido.

Grande parte das certidões se referiam à mortos e desaparecidos, portanto ainda eram muitos corpos insepultos. A cerimônia não devolvia os corpos às famílias para que estas pudessem realizar os rituais de luto tão necessários diante das perdas de pessoas amadas.

De qualquer modo, as certidões não só traziam o reconhecimento da luta e das causas dos militantes mortos e desaparecidos, mas também responsabilizavam o Estado brasileiro pelas mortes de seus entes queridos.

“Rubens Beyrodt Paiva, engenheiro e ex-deputado federal, atuou na resistência contra a ditadura militar brasileira, foi vítima da repressão no Rio de Janeiro e segue desaparecido. Rubens presente.”

Chico Paiva, neto de Rubens Paiva: “Eu não conheci meu avô, não convivi com meu avô. Me emocionei hoje vendo as outras famílias também que lutaram por isso.

Queria agradecer o trabalho de todos aqui que fizeram isso possível, trabalho dos familiares que nunca desistiram. Se existem golpistas hoje, é porque os golpistas do passado não foram punidos e importante que eles sejam punidos agora e que paguem pelos seus crimes com todo o direito à defesa e respeito aos direitos humanos e ao devido processo legal que foi negado ao meu avô e a tantos outros aqui. E queria encerrar dizendo que enquanto houverem tentativas de golpe do lado de lá, nós ainda estaremos aqui. Estamos

A gente tem aqui presente três gerações de muita luta, que começou com a minha avó, com a minha tia avó, passou para a minha mãe e minhas tias e hoje somos nós. É uma luta que passa de geração em geração. Estudamos, aprendemos e passamos a frente para que não deixem com que aconteça de novo, para que os criminosos sejam punidos e para que não exista golpe de estado novamente no Brasil. Sem anistia para golpista! Helenira Rezende presente.”

Dentro do meu projeto de mestrado, uma das produções multiplataforma que estou desenvolvendo consiste em escrever cartas para Helenira Resende.

A ideia é me corresponder com Helenira, desenhando uma linha do tempo onde narro os fatos históricos ocorridos desde a morte de Helenira em 1972 em paralelo a passagens da minha vida pessoal. O objetivo é evidenciar que a sua luta não foi em vão, tanto como demonstrar através de minhas passagens pessoais, o porquê de eu me mobilizar pela causa de Helenira e da guerrilha do Araguaia.

Com essas cartas escritas, pretendo gravar e narrar em “voice over”, compondo pequenos filmes epistolares a cada carta escrita.



“Print” retirado da internet em fotografia de parentes de Helenira Resende, feita durante o evento.

2. Cartas para Helenira.

Helenira Vive, Helenira Viverá.

Carta #1 (visita de campo à Faculdade de Direito da USP no Largo de São Francisco, Centro de São Paulo).

Prezada Helenira Resende,

Cara Helenira,
Honrada Helenira,
Estimada Helenira,
Corajosa Estudante, Militante, Letróloga, Professora, Escritora e,
Guerrilheira do Araguaia
Helenira Resende,

Não sei como me refiro à você em minha primeira carta. Penso em te chamar de senhora pois hoje, se estivesse viva, você teria 82 anos, poderia ser avó. Não deixaram você se tornar avós, nem mesmo chegar aos 82. Tampouco deixaram você se formar em letras na USP FFLCH, ser mãe ou não, se casar ou não, enfim, não te deixaram construir uma vida, a sua vida.

Ceifaram a sua vida aos 28 anos, enquanto você lutava por um país justo e igualitário. Foi morta por militares à serviço de uma elite que segue matando, colonizando e escravizando as classes médias (por mais que estas não se deem conta disso) e as classes pobres, privadas de toda e qualquer dignidade.

Apesar dos tempos ainda duros, fizemos progresso, tivemos boas vitórias e importantes conquistas, estas, graças a você e aos seus companheiros e companheiras que deram início a luta que seguimos por aqui.

Não tenho explicações concretas e objetivas do porquê ter escolhido você para me corresponder em torno da Guerrilha do Araguaia. Mas não me preocupo com as razões objetivas no momento, pois as motivações sempre se evidenciam ao longo dos processos e no nosso caso, durante a escrita das cartas.

Ocorre que a Guerrilha do Araguaia é objeto da minha pesquisa de mestrado pela UFSCar (Universidade Federal de São Carlos - SP).

Resolvi olhar para a Guerrilha do Araguaia por ter me dado conta de minha ignorância sobre uma ocorrência histórica de tamanha relevância não só para o Brasil mas também para o mundo. Fiquei perplexo não só com o meu desconhecimento sobre a histórias da luta de

vocês, guerrilheiras e guerrilheiros, mas também com o pouco conhecimento público do evento histórico que vocês foram e são protagonistas.

E essa história protagonizada por vocês, é também a história de cada brasileiro, quer tenhamos essa consciência ou não. Me mobilizo em torno do objeto pois, apesar de haver extensas pesquisas acadêmicas, relevantes literatura e filmografia em torno da Guerrilha do Araguaia, ainda há muita história a ser contada e muita memória a ser produzida, através de diferentes meios e formas.

Te escrevo do Café Jurídico em frente à Faculdade de Direito da USP, tomo um café com leite e como um bolo de cenoura com cobertura de chocolate.

Chove uma chuva bonita que faz o asfalto brilhar e se colorir com as luzes dos semáforos, carros, ônibus e viaturas que transitam. Um jovem casal de estudantes em uma mesa ao lado, bebem vinho, se abraçam, se beijam, eu me comovo com o amor e alegria dos dois, me comovo em estar escrevendo para a senhora e lembro dos amores, beijos e abraços que vivi.

Escrevo a mão, em um bloco de notas com um lápis de cor verde da minha filha. Era o que havia na mochila. Estou neste café pois vim fazer uma pesquisa de campo para uma filmagem que farei amanhã, no Salão Nobre da Faculdade de Direito da USP. Visitei o salão para compreender a operação e vim aqui para te escrever e pensar. Ou melhor, para pensar e tomar café, a ideia de te escrever surgiu ao me sentar nesse ambiente meditativo que me acolheu após a pesquisa de campo.

Amanhã, dia oito de outubro de 2025, o Salão Nobre da Faculdade de Direito USP acolherá a Solenidade de reparação aos mortos e desaparecidos durante a ditadura militar.

Serão entregues 107 (cento e sete) certidões de óbito corrigidas aos familiares das vítimas mortas e desaparecidas. A senhora e outras nove companheiras guerrilheiras estarão entre as 107 pessoas mortas e desaparecidas que receberão as certidões corrigidas. A sua família estará presente para honrar a sua memória e finalmente receber a sua legítima certidão de óbito, 53 anos após a sua morte (assassinada pelo estado brasileiro a serviço das elites

econômicas do país).

Me dou conta da dimensão de tal cerimônia e fico mexido.

Será uma solenidade histórica e memorável.

Música. Piano. Ao fundo música, piano. Um jovem sentado ao piano, embaixo da escadaria. A solenidade começa amanhã, 8.10.2025, às 15h com a presença dos parentes das vítimas, da Ministra dos Direitos Humanos e da Cidadania do Brasil, Macaé Evaristo, além de diversas outras autoridades.

Hoje, enquanto estava mapeando o território na USP e compreendendo a operação de amanhã, um jovem estudante se sentou ao piano embaixo da escadaria, no lobby da universidade e começou a dedilhar o piano, esquentando o corpo, até começar a tocar lúdicas melodias. Não pude deixar de filmá-lo, registrando as melodias e considerando usá-las como trilhas para a primeira parte do filme, sobre a visita de campo realizada. Me senti presenteado, o filme, a carta, a correspondência entre nós, foram presenteadas por este jovem estudante e suas melodias ao piano. Temos o texto (a carta), as imagens e a música.

Amanhã, estarei sozinho. Eu, a câmera, o tripé e o microfone. Eu gosto de filmar em equipe, ainda mais quando posso escolher ou sou escolhido por companheiras e companheiros com as quais tenho afinidade. Mas, também gosto muito de filmar só, fazer o som, a câmera, as entrevistas, o texto e posteriormente a edição. A única maneira de nos aproximarmos do sujeito ou do objeto que filmamos é trabalhando sozinhos ou em uma equipe pequena. Somente assim conseguimos nos relacionar com o que e com quem filmamos, e conquistar a cumplicidade destas pessoas e ambientes. Sozinho, eu posso encontrar você Helenira, me aproximar, estar perto, te olhar, te escutar. Se eu tivesse em bando (uma grande equipe), provavelmente te espantaria, não haveria encontro, não se criaria a oportunidade para o encontro, haveria sim, imagens vazias e distantes, superficiais.

De qualquer modo, desta vez eu não tenho escolha pois ainda não há financiamento para a produção dessa obra, portanto me resta acumular as funções e filmar só.

Como escrevo do futuro, posso te antecipar que amanhã ao fim da filmagem, enquanto

recolho e guardo o equipamento, estarei exausto e sentirei inveja de uma equipe de cinema em que havia 8 pessoas filmando a solenidade, cada uma na sua função.

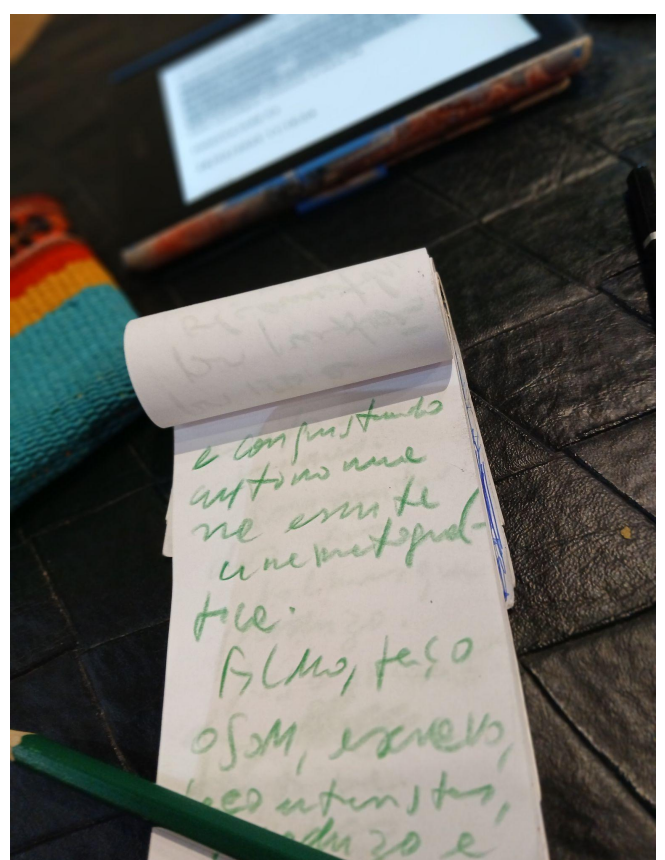
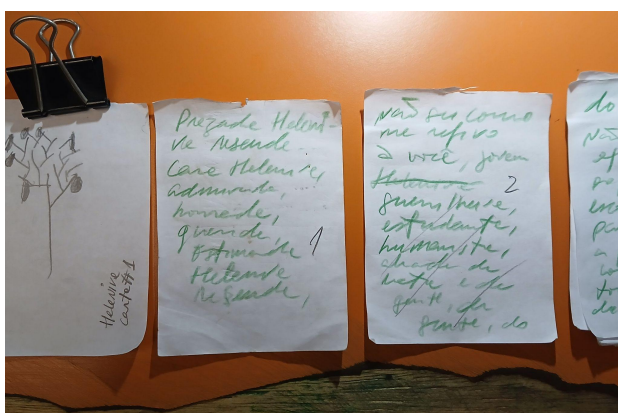
A sensação é de dever cumprido e eu me sentirei realizado, porém já não tenho a disposição física de antes para filmar sozinho, pois já não tenho 20 ou 30 anos, estou nos meus 54 anos.

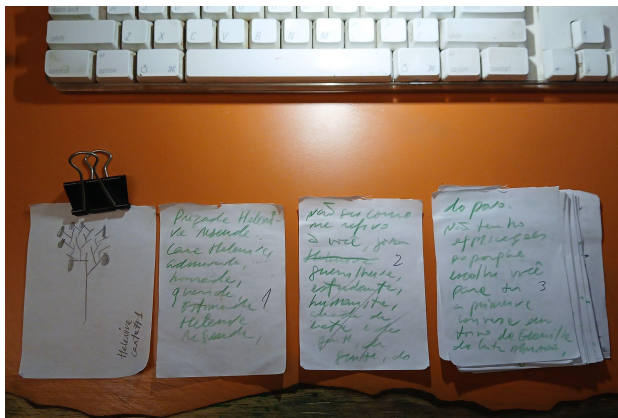
A chuva passou, as pessoas foram embora, o café esvaziou-se, os jovens amantes se levantam para ir embora, o que me faz pensar como a senhora viveu a sua vida estudantil em um tempo em que ser uma jovem estudante e namorar em um café ou bar, era arriscar a vida.

Estivesse você engajada ou não na militância, ser jovem, ser estudante, no período ditatorial empresarial-militar já era viver em risco.

Amanhã estarei de volta, seja após a filmagem ou no dia seguinte, voltarei para te contar como foi a solenidade.

Boa noite, um abraço fraterno,
Alexandre Xavier Lima.





Esboços da primeira carta escrita para Helenira Resende. Registro: A.L.



Sebo Café Jurídico Central onde me sentei para tomar café e esboçar a primeira carta para Helenira Resende. Registro: A.L.

Esta é a primeira versão da primeira carta, entre outras cartas que pretendo escrever para Helenira Resende. Uma vez que eu grave esse primeiro texto para produzir o ‘voiceover’ que justaposto a imagens darão a estrutura narrativa ao proposto ‘vodcast’ ou, a um filme epistolar, provavelmente muitas partes serão cortadas ou mesmo modificadas. Como sabemos, um texto escrito ao ser adaptado a forma fílmica costuma se transformar em um outro texto, uma outra escrita.